

1. CARTA DO REITOR-MOR

“Eis a tua mãe” (Jo 19,27) **MARIA IMACULADA AUXILIADORA** **Mãe e Mestra de Dom Bosco**

1. MARIA IMACULADA AUXILIADORA, NA VIDA DE SÃO JOÃO BOSCO. – 1.1. A intervenção materna de Maria na vida de Dom Bosco. – 1.2. A acolhida de Maria por Dom Bosco. – Imaculada - Auxiliadora. **2. MARIA IMACULADA AUXILIADORA NA CONGREGAÇÃO SALESIANA, HOJE.** – 2.1. “MARIA ESTÁ PRESENTE ENTRE NÓS” (C 8). – 2.2. “CONTEMPLAMOS E IMITAMOS”... (C 92). – 2.3. “REZAMOS TODOS OS DIAS O TERÇO” (C 92). **3. MARIA, MODELO DE FÉ, DE ESPERANÇA E DE AMOR.** – 3.1. “FELIZ ÉS TU, QUE ACREDITASTE” (LC 1,45). – 3.2. “AQUELA QUE ACREDITOU, AJUDA E INFUNDE ESPERANÇA” (C 34). – 3.3. MARIA, “MODELO DE CARIDADE PASTORAL” (C 92). **4. “O ESPÍRITO SANTO, COM A MATERNAL INTERVENÇÃO DE MARIA, SUSCITOU SÃO JOÃO BOSCO” (C 1).** **5. CONCLUSÃO.**

Roma, 15 de agosto de 2012
Solenidade da Assunção de Maria

Caríssimos irmãos,
cumprimento-os com um afeto ainda maior, expressão do reconhecimento pela proximidade filial, a estima que nutrem pelo sucessor de Dom Bosco e a oração incansável neste tempo de prova e sofrimento.

Posso dizer-lhes que aprendi a entregar-me totalmente ao Senhor, para que Ele realize em mim o que quiser. A grande escola da doença, sobretudo nos momentos mais críticos, ajuda-nos a reconhecer fragilidades e limites e, portanto, entregar a Deus o controle da nossa vida.

Senti que vocês todos me rodearam neste tempo de enfermidade, como também os membros da Família Salesiana, os colaboradores, os amigos, os jovens, e, comovido, vi como o Senhor ouve e acolhe as numerosas súplicas para derramá-las sobre mim numa graça admirável. Se a vida é sempre um dom, a enfermidade faz tomar consciência de como cada dia e cada instante sejam um dom particular d’Ele, e, por isso, é preciso vivê-la com imensa gratidão e crescente responsabilidade. A Ele a glória e o louvor para sempre!

Escrevo-lhes desta vez na Solenidade da Assunção de Maria para partilhar uma reflexão salesiana sobre Nossa Senhora. Como Congregação, estamos nos preparando com toda a Família Salesiana para celebrar o Bicentenário do nascimento do nosso Pai e Fundador, São João Bosco. Neste primeiro ano, quisemos viver a dimensão histórica de sua vida e obra. Nessa perspectiva, e, sobretudo, em vista do aprofundamento de sua pedagogia e espiritualidade, desejo convidá-los a contemplar a figura de Maria Imaculada Auxiliadora, em tudo e sempre Mãe e Mestre de Dom Bosco; por essa razão ele pôde dizer no final de sua vida: “De tudo, nós somos devedores a Maria”.¹

Pretendo, assim, continuar a linha traçada pelos meus Predecessores, especialmente os últimos Reitores-Mores, e também aprofundar o que as nossas Constituições apresentam sobre a Santíssima Virgem Maria.

Parece-me muito significativo o fato de a primeira Carta escrita pelo querido P. Egídio Viganò como Reitor-Mor intitulada “Maria renova a Família Salesiana de Dom Bosco” tenha sido dedicada a contemplar Maria Imaculada Auxiliadora.

Referindo-se ao texto evangélico de Jo 19,26-27, ele comentava: “Pensei instintivamente na nossa Congregação e em toda a Família Salesiana que, hoje, deveria aprofundar novamente o realismo da maternidade espiritual de Maria e reviver a atitude e o projeto do discípulo. E dizia de mim para mim: sim, devemos repetir-nos uns aos outros, como programa para a nossa renovação, a afirmação do evangelista: *Levemos Maria para casa!*”.²

1. MARIA IMACULADA AUXILIADORA, NA VIDA DE SÃO JOÃO BOSCO

Falar da presença de Maria na história do nosso Pai significa, na prática, considerar toda a sua vida, coisa impossível em poucas linhas. Uma síntese extraordinária é-nos oferecida pelo artigo 8º das nossas

¹ G. B. LEMOYNE. *Memorie Biografiche di don Giovanni Bosco* (MB) XVII, p. 510.

² E. VIGANÒ. “Maria renova a Família Salesiana de Dom Bosco”, ACS n. 289 (1978), p. 3 [cf. *Lettere Circolari di don Egidio Viganò ai Salesiani* I. Roma: Direzione Generale Opere Don Bosco, 1996, p. 3].

Constituições (C), no qual encontramos três verbos que enquadram a presença materna de Maria na vida do Fundador: **indicou a Dom Bosco o seu campo de ação entre os jovens e constantemente o guiou e sustentou sobretudo na fundação da nossa Sociedade**. De resto, precisamente no início das *Constituições*, encontramos esta mesma convicção: “o Espírito Santo, **com a maternal intervenção de Maria**, suscitou São João Bosco” (C 1).

1.1 A intervenção materna de Maria na vida de Dom Bosco

É-nos dito, primeiramente, que Maria “**indicou** a Dom Bosco o seu campo de ação entre os jovens”. Trata-se, seguramente, da evocação do sonho dos 9 anos que, com certeza, todos tivemos ocasião de meditar, sobretudo neste ano, tendo nas mãos as *Memórias do Oratório*, texto que é o “livro-guia” desta etapa de preparação ao Bicentenário.

Um dos aspectos que mais me impressionam nesta “narração de fundação” é o vínculo estreito que une o Senhor Jesus com Maria sua Mãe. Quando Joãozinho faz uma dupla pergunta, a primeira relativa à identidade do misterioso Personagem e a segunda ao nome que o identifica (impossível não evocar o texto bíblico de Ex 3,13), nos dois casos a referência é a Maria:

- Mas quem sois vós que assim falais?
- Sou o filho daquela que tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia.
- Minha mãe diz que sem sua licença não devo estar com gente que não conheço; dissei-me, pois, vosso nome.
- Pergunta-o a minha mãe.

A “Senhora de aspecto majestoso, vestida de um manto todo resplandecente, como se cada uma de suas partes fosse fulgidíssima estrela” é Aquela que explica a visão e indica a missão que Deus lhe confia: “Eis o teu campo, **onde deves trabalhar**. Torna-te humilde, forte, robusto; e o que agora vês acontecer a esses animais, deves fazê-lo **aos meus filhos**”.

A última expressão é particularmente significativa: recebendo o mandato por meio de Maria, Joãozinho identifica-a como Mãe dos jovens mais pobres, abandonados e em perigo; aqueles que, no final do

sonho, se transformam de animais selvagens em mansos cordeirinhos que “saltitando e balindo corriam ao redor daquele homem e daquela senhora, como a fazer-lhes festa”.³

Ele não só recebe a “indicação do campo de ação e da finalidade pela qual deve trabalhar” como também do estilo, ou seja, a cordialidade (*amorevolezza*) que, elencada com a razão e a religião, dará vida ao método que Dom Bosco, mais adiante, chamará de “preventivo”: “Não é com pancadas, mas com a mansidão e a caridade que deverás ganhar esses teus amigos. Põe-te imediatamente a instruí-los sobre a fealdade do pecado e a preciosidade da virtude”.⁴ “Guiado por Maria que lhe foi Mestra, Dom Bosco viveu, no encontro com os jovens do primeiro Oratório, uma experiência espiritual e educativa a que chamou ‘Sistema Preventivo’” (C 20).

Na mesma perspectiva, embora vinte anos depois (1844), encontramos um sonho semelhante. Maria apresenta-se de novo sob a forma de uma bela Pastorinha que, enquanto indica o campo da missão, sugere também ao jovem sacerdote o *método* para realizar essa missão na companhia de outros colaboradores.

“Percebi então que quatro quintos dos animais haviam-se transformado em cordeiros. O número deles tornou-se depois muito maior. Naquele momento chegaram alguns pastorzinhos para vigiá-los. Mas ficavam pouco tempo e iam-se embora. Aconteceu então uma coisa maravilhosa. Muitos cordeiros convertiam-se em pastorzinhos, que cresciam e passavam a tomar conta dos outros. Com o grande aumento do número dos pastorzinhos, eles se separavam e se dirigiam a outros lugares, onde reuniam alguns animais estranhos e os levavam a outros redís”.⁵

Quero sublinhar, neste texto, aquilo que constitui o “método tipicamente salesiano” de promoção vocacional, sem por isso negar a validade de outras propostas e itinerários diversos; mas, para nós, a indicação provém da mesma Mãe de Deus: “converter alguns dos cordeirinhos em pastores”.

³ S. J. BOSCO. *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*. Introdução e notas de Antônio da Silva Ferreira. São Paulo: Salesiana, 2005, p. 29-30.

⁴ Ibidem.

⁵ S. J. BOSCO. *Memórias do Oratório*, o.c., p. 134-135.

Basta recordar o que eu assinalava numa carta anterior, por ocasião dos 150 anos de fundação da Congregação: quase todos os jovens reunidos ao redor do Fundador correspondiam ao “perfil” indicado por Maria a Dom Bosco quinze anos antes. “É uma certeza: a Congregação Salesiana foi fundada e dilatou-se envolvendo jovens que se deixaram convencer pela paixão apostólica de Dom Bosco e pelo seu sonho de vida. Devemos **narrar aos jovens** a história dos inícios da Congregação, da qual os jovens foram ‘cofundadores’”.⁶ Isso explica a tenacidade (que a alguns parecia teimosia) com que Dom Bosco aplicava esse método, não usual naqueles tempos, ou seja, tirar os futuros colaboradores dentre os próprios jovens, formando-os com cuidado todo especial.

Este primeiro aspecto da intervenção de Maria na vida de Dom Bosco continua a ser normativo na vida da nossa Congregação, se quisermos viver na fidelidade a Deus e à nossa missão. Não fomos nós que escolhemos o campo de ação e a meta a alcançar; o sentido mais profundo da consciência de **missão** é o de ser “enviado” a colaborar com o Senhor da messe juvenil. Não se trata simplesmente de “fazer o bem”, uma vez que há muito a fazer pela salvação do mundo! Dom Bosco, especialmente como jovem sacerdote, tinha um amplo leque de possibilidades apostólicas; apesar disso, tinha a consciência de ser enviado para uma missão específica, tanto que chegou a afirmar: “Não é boa nenhuma ocupação que nos distraia do cuidado da juventude”.⁷ Trata-se de um aspecto tipicamente evangélico, pois quando os apóstolos vão à procura de Jesus, que se encontra sozinho no monte, vivendo ao máximo a sua condição filial com o Pai na oração, dizem-lhe: “Todos te procuram!”. E ele responde: “Vamos a outros lugares, nas aldeias da redondeza, a fim de que, lá também, eu pregue; foi para isso que eu vim!” (Mc 1,37-38). O texto paralelo de Lucas diz: “Eu devo anunciar a boa-nova do Reino de Deus também a outras cidades, pois é para isso que *fui enviado*” (Lc 4,43).

Em íntima relação com a ação mariana indicada pelo primeiro verbo, encontramos no texto constitucional os outros dois: guiou-o e

⁶ P. CHÁVEZ. “Chamou os que ele quis; e foram a ele” (Mc 3,13). No 150º aniversário de fundação da Congregação Salesiana, ACG 404 (2009), p. 27.

⁷ MB XIV, p. 284

sustentou-o. Esta hendiádis pode ser compreendida em relação com as duas dimensões fundamentais da pessoa: a inteligência e a vontade. Maria é a Mãe e Mestra que ilumina a inteligência de Joãozinho, para que possa compreender progressivamente, e sempre num nível mais profundo (*intus-legere*), em que consiste a sua missão (“A seu tempo tudo compreenderás”), até chegar o momento comovente em que, ao celebrar a Eucaristia na Basílica do Sagrado Coração de Roma, confessará: “Agora compreendo tudo”. Por outro lado, Maria sustentou-o durante a vida inteira, avigorando a sua vontade para que se tornasse sempre mais “forte e robusto”; caso contrário, não teria podido suportar o peso e a dureza da missão.

1.2. A acolhida de Maria por Dom Bosco

Além da perspectiva que nos é oferecida pela reflexão dos três verbos, podemos meditar sobre a presença de Maria na vida de Dom Bosco, considerando os **títulos** privilegiados por ele, que, certamente, não são casuais: IMACULADA – AUXILIADORA. Sobre isso, encontramos um pequeno “comentário” em nossa Regra de Vida: “Maria Imaculada e Auxiliadora educa-nos para a plenitude da doação ao Senhor e nos infunde coragem no serviço aos irmãos” (C 92). No texto ‘*ad experimentum*’, de 1972, os dois aspectos estavam separados colocando-os respectivamente sob um ou outro título. O texto atual, porém, unifica-os, pois o nosso amor a Deus é inseparável do amor e do serviço aos irmãos e irmãs, especialmente aos jovens aos quais somos enviados pelo Senhor.

Imaculada

Como escrevi em outra ocasião, “Sobre a cúpula do santuário de Maria Auxiliadora encontra-se uma bela estátua da Imaculada. A Imaculada do lado de fora e a Auxiliadora do lado de dentro. São os dois títulos com que Dom Bosco quis honrar Nossa Senhora, porque ambos têm a ver com o seu carisma e a sua missão: a salvação dos jovens mediante a educação integral”.⁸

⁸ P. CHÁVEZ. “L’Immacolata e Don Bosco”. In: *Sacro Cuore*. Bolonha, dezembro de 2011.

É bom recordar, embora brevemente, o significado e a importância do título de “Imaculada” para Dom Bosco. Sabemos que o dogma foi proclamado durante sua vida, em 8 de dezembro de 1854, mas é certo que a referência à Imaculada já estava presente na piedade popular, tanto que era celebrada como festa. De fato, alguns anos antes da solene proclamação, a Imaculada deu origem à Obra Salesiana. Recordemos ao menos em parte a narração do próprio Dom Bosco: “No dia solene da Imaculada Conceição de Maria, 8 de dezembro de 1841, estava, à hora marcada, vestindo-me com os sagrados paramentos para celebrar a santa missa. O sacristão José Comotti, vendo um rapazinho a um canto, convidou-o a ajudar-me a missa. ‘Não sei, respondeu ele todo mortificado’”.⁹ Logo em seguida, temos o importante encontro de Dom Bosco com Bartolomeu Garelli e a “Ave-Maria” com que “tudo teve início”.

Convém recordar, ainda, como o acontecimento extraordinário da declaração do dogma da Imaculada Conceição foi vivido no Oratório. Dom Bosco “tinha rezado fervorosamente, tinha celebrado missas para apressar a graça dessa definição dogmática, que desejava há muito tempo; e continuou a rezar e agradecer ao Senhor por ter assim glorificado na terra a Rainha dos Anjos e dos homens. A festa da Imaculada tornou-se a sua predileta, embora continuasse a celebrar com grande solenidade a Assunção de Maria ao céu”.¹⁰

O P. Egídio Viganò, na Carta de apresentação das *Constituições* renovadas, ao falar do dia 8 de dezembro, escrevia: “Esta data mariana, significativa para todo coração salesiano, é uma data muito querida a Dom Bosco e por ele apontada como nascimento oficial do nosso carisma na Igreja. Pode ser sugestivo lembrar alguns fatos a ela ligados: primeiramente o encontro com Bartolomeu Garelli (1841) e a Ave-Maria daquele profético catecismo; a abertura do Oratório São Luís em Porta Nuova; o anúncio (em 1859) da reunião que daria início à Congregação; a entrega (em 1878) da primeira Regra impressa das Filhas de Maria Auxiliadora; o início da presença de irmãos bispos na

⁹ S. J. BOSCO. *Memórias do Oratório*, o.c., p. 123.

¹⁰ MB V, 152. Neste capítulo, Lemoyne apresenta uma bela síntese da devoção de Dom Bosco a Maria (p.151-156).

Congregação (dom Cagliero) e, em 1885, a importante comunicação da designação do padre Rua como vigário do Fundador. Naquele mesmo 8 de dezembro de 1885, afirmou nosso Pai que ‘de tudo somos devedores a Maria’ e que ‘todas as nossas coisas mais importantes tiveram princípio e realização no dia da Imaculada’”.¹¹

Todavia, não se trata apenas de uma coincidência histórica ou dogmática a enfatizar a relação entre o título de “Imaculada” e Dom Bosco. À sua base, encontramos um elemento fundamental do Sistema Preventivo que, convém recordá-lo novamente, não é tanto uma intuição pedagógica genial, quanto um “nutrir-se da caridade de Deus que se antecipa a toda criatura com a sua Providência, segue-a com sua presença e salva-a com a doação da própria vida”. Por isso, “Dom Bosco no-lo transmite como **modo de viver** e trabalhar (...). **Impregna o nosso relacionamento com Deus**, as relações pessoais e a vida de comunidade no exercício de uma caridade que sabe fazer-se amar” (C 20). No meu modo de ver, jamais responderemos suficientemente ao desafio que nos é apresentado por este modo de compreender o Sistema Preventivo.

Se “Deus se antecipa a toda criatura” com o seu Amor providente, isso se realiza de forma plena em Maria, a “**cheia de graça**”. “Graça”, bem o sabemos, é, antes de tudo, o próprio Deus; mas esta expressão também pode sublinhar a plenitude da *gratuidade* do Amor de Deus em Maria. Afirmo-o expressamente o texto da declaração dogmática do beato Pio IX. Trata-se, no fundo, daquilo que é afirmado por São João: “Não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele que nos amou” (1Jo 4,10). Podemos aplicá-lo, antes de tudo e de forma única, também a Maria. Neste sentido, é belo poder contemplá-la, Imaculada, como “o fruto mais perfeito do *sistema preveniente/preventivo de Deus*”.

Isso, evidentemente, não exclui a resposta humana; ao contrário, torna-a possível, ou melhor, “exige-a”, como sublinhou muito bem o papa Bento XVI: “O Onipotente espera o ‘sim’ das suas criaturas como um jovem esposo o da sua esposa (...). Na Cruz, é Deus mesmo quem

¹¹ E. VIGANÒ. “O texto renovado da nossa Regra de Vida”, ACG n. 312 (1984) p. 43 [cf. *Lettere Circolari di don Egidio Viganò ai Salesiani*, II. Roma: Direzione Generale Opere Don Bosco, 1996, p. 582].

mendiga o amor da sua criatura: Ele tem sede do amor de cada um de nós”.¹² Podemos-lo aplicar, em primeiríssimo lugar, a Maria. Sobre isso, é interessante a observação de um teólogo especialista, Alois Muller: “Do ponto de vista histórico, para dizer a verdade, não se falou inicialmente da concepção imaculada de Maria, mas da ausência de pecado em sua vida”,¹³ significando que desde sempre a Igreja viu na “cheia de graça”, não só o dom gratuito de Deus, mas também a resposta de amor, plena e total, de Maria.

Auxiliadora

Quanto ao título de “Auxiliadora” (que, convém recordar, aparece no Concílio Vaticano II, na *Lumen Gentium*, unido ao de “Mãe da Igreja”), conhecemos a importância que tinha para Dom Bosco. Na Carta já citada, escrevia o P. Egidio Viganò: “Há ainda uma razão deduzida de um aspecto característico da devoção à Auxiliadora: trata-se de uma dimensão mariana que é, por natureza, feita justamente para os *tempos difíceis*. Manifestava-o Dom Bosco ao padre Cagliero com a famosa afirmação: ‘Nossa Senhora quer que nós a honremos sob o título de *Auxilium Christianorum*: os tempos correm tão tristes que temos mesmo necessidade de que a Virgem Santíssima nos ajude a conservar e defender a fé cristã’”.¹⁴

Continuando suas considerações, P. Viganò “atualizava” as dificuldades dos tempos, muito diversas das que o nosso Pai precisou enfrentar; mas diversas, por muitos aspectos, também daquelas que hoje nos são impostas: os tempos mudam com ritmo vertiginoso, e igualmente a cultura juvenil com que devemos nos confrontar todos os dias. Uma coisa, porém, é preciso sublinhar: invocando Maria com este título, não pretendemos que nos ajude e nos defenda ‘contra’ alguém. Se cremos na Encarnação do Filho de Deus como o princípio que permite afirmar a sua união com todo homem e com toda mulher do mundo

¹² BENTO XVI. “Hão de olhar para Aquele que transpassaram”. Mensagem para a Quaresma de 2007.

¹³ A. MULLER. “Maria nell’Evento Cristo”. In: J. FEINER e M. LOEHRER (eds.). Brescia: Queriniana, 1971, vol. VI, p. 536.

¹⁴ E. VIGANÒ. “Maria renova a Família Salesiana de Dom Bosco”, ACS n. 289 (1978), p. 8 [cf. *Lettere Circolari di don Egidio Viganò ai Salesiani* I. Roma: Direzione Generale Opere Don Bosco, 1996, p. 8].

(cf. GS 22), qualquer que seja a sua situação, também podemos dizer algo semelhante sobre a Maternidade universal de Maria.

Isso, contudo, não nos leva a ignorar as muitas situações negativas e os muitos problemas inquietantes; para enfrentar isso tudo, pedimos o seu auxílio e a sua proteção, especialmente quando nos opomos ao mal, ao pecado, à “cultura de morte” tão oposta à vida da qual Maria, como mulher e como mãe, é símbolo transparente e protetora poderosa. Ao mesmo tempo em que podemos constatar com alegria, nas diversas regiões do mundo, a vitalidade do nosso carisma e os seus efeitos benéficos, aflora a tristeza ao considerar as devastações provocadas pelos poderes negativos que, mediante ações, pessoas, estruturas e instituições – expressões todas do “*mysterium iniquitatis*” – atentam contra a felicidade e comprometem a salvação dos nossos jovens, especialmente dos menos protegidos. É principalmente a favor deles que pedimos a Maria para ser Mãe e Auxílio, “rosto materno do Amor de Deus”.

Creio que podemos aprofundar este título, buscando uma analogia com o de Imaculada considerado anteriormente. Se a definição da Imaculada Conceição reafirma, em nível dogmático, tudo o que o Sistema Preventivo significa para Dom Bosco, seria exagerado descobrir, no dogma da Assunção de Maria, proclamado pelo papa Pio XII em 1950, uma relação estreita com o título de “Auxiliadora”? Convém recordar, como é sublinhado pelos textos litúrgicos, que a Ascensão de Jesus não significa o seu “afastamento” do mundo ou a sua indiferença diante da Igreja e da humanidade; pelo contrário:

“Nossa cabeça e princípio subiu aos céus,
não para afastar-se de nossa humanidade,
mas para dar-nos a certeza de que
nos conduzirá à glória da imortalidade”.¹⁵

Analogamente, não poderemos pensar, então, que a Assunção de Maria marca o início da sua proteção e do seu auxílio materno em favor de todos os cristãos, ou melhor, de todos os homens e mulheres do mundo? Este modo de considerá-la, além de relacionar ao Magistério da

¹⁵ Prefácio da Ascensão do Senhor I.

Igreja a nossa devoção a Maria através dos títulos de Imaculada - Auxiliadora, também nos permite compreender por que, para Dom Bosco, a festa da Assunção era uma de suas festas prediletas, como ele indicava no texto das *Memórias do Oratório* citado anteriormente, e isso não só pela coincidência (mais simbólica do que cronologicamente exata) com o seu nascimento, mas pela sua relação com o título de “Auxiliadora” e o significado da sua devoção.

2. MARIA IMACULADA AUXILIADORA NA CONGREGAÇÃO SALESIANA HOJE

A intervenção de Maria na origem e no primeiro desenvolvimento da nossa Congregação continua sem dúvida ao longo da história. Padre Rua escrevia, em 1903: “De fato, eu não duvido que, com o aumento entre os Salesianos da devoção a Maria Auxiliadora, também crescerá a estima e o afeto por Dom Bosco, não menos do que o esforço de conservar o seu espírito e imitar as suas virtudes”.¹⁶

Creio que todos nós estamos convencidos disso. Mas, se isso é verdade, devemos reconhecer então que é preciso uma resposta generosa de fidelidade na realização da nossa missão. Podemos perguntar-nos: estamos também dispostos, hoje, a fazer com que Maria Imaculada Auxiliadora nos indique o campo da nossa missão e continue a nos guiar e sustentar na sua realização? Concretizaremos, então, a resposta ao seu convite: “Fazei o que Ele vos disser” (Jo 2,5) e seremos servos dos jovens para garantir a alegria e a plenitude da vida em Deus.

É inegável, e pude constatá-lo com grande alegria, que a devoção a Maria Auxiliadora é promovida em todos os lugares onde os Salesianos estão a viver. Não faltam em nenhuma Inspeção igrejas e santuários dedicados a Ela, enquanto também o povo cristão nos identifica com esse título mariano, como já nos tempos do nosso Pai a chamavam de “a Nossa Senhora de Dom Bosco”. Todavia, não nos podemos contentar com o que fizeram os irmãos que nos precederam, nem nos podemos limitar a promover a devoção mariana de modo puramente exterior.

¹⁶ M. RUA. Carta circular de 19 de junho de 1903. In: *Lettere circolari di Don Michele Rua ai Salesiani*. Turim: Direzione Generale delle Opere Salesiane, p. 353.

Com outros termos: a nossa obra evangelizadora e educativa, sobretudo a favor dos jovens mais pobres, abandonados ou em perigo, deve ser uma experiência concreta do Amor gratuito, preveniente e eficaz que contemplamos em Maria Auxiliadora, para fazer deles seus filhos, como ela pediu a Joãozinho no sonho.

2.1. “Maria está presente entre nós” (C 8)

Reconhecendo que é impossível sintetizar em poucas páginas o que representa para nós hoje a presença materna de Maria Auxiliadora ou as diversas expressões e manifestações da nossa devoção por Ela, limito-me a apresentar o que encontramos sobre Ela em nossas Constituições, procurando enriquecê-lo com referências à Palavra de Deus.

Sem dúvida alguma, a fidelidade ao nosso carisma, ou melhor, à vontade de Deus na realização da missão, passa através da observância das Constituições. À pergunta: “Como Dom Bosco agiria hoje?”, não podemos dar respostas subjetivas ou sentimentais e, menos ainda, individualistas. Trata-se, sobretudo, de pôr em prática a nossa Regra de Vida: “Se me amastes no passado, continuai a amar-me no futuro mediante a observância exata das nossas Constituições” (C, Proêmio). Não é supérfluo recordar o que diz a Exortação apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata*: “Quando a Igreja reconhece uma forma de vida consagrada ou um Instituto, **garante** que são encontrados em seu carisma espiritual e apostólico todos os requisitos objetivos para alcançar a perfeição evangélica pessoal e comunitária” (VC 93; o negrito é meu).

Pois bem, encontramos muitas referências marianas em nossas Constituições. Primeiramente, dois artigos dedicados inteiramente a Ela (art. 8º e art. 92); o artigo 8º é totalmente novo e corresponde à finalidade da primeira parte das Constituições. Esta seção, que compreende os artigos 1º a 25 (“Os Salesianos de Dom Bosco na Igreja”), apresenta a nossa **identidade carismática**: antes de falar daquilo que “fazemos”, é definido **quem somos** na Igreja e no mundo, principalmente a favor dos jovens.

E é precisamente no primeiro capítulo, em que se apresenta a nossa identidade, que se quis colocar um artigo sobre Maria Imaculada Auxiliadora, para sublinhar que Ela “faz parte”, por assim dizer, do

patrimônio carismático salesiano. “Cremos que Maria está presente entre nós e continua a sua ‘missão de Mãe da Igreja e Auxiliadora dos Cristãos’” (citando Dom Bosco). A nossa devoção filial por Ela, caracterizada pela entrega (“Confiamo-nos a Ela”), contempla particularmente o seu caráter de “humilde serva na qual o Senhor operou coisas grandiosas”, e faz referência direta e imediata ao núcleo e coração da nossa missão: “para nos tornarmos entre os jovens **testemunhas do amor inexaurível do seu Filho**” (C 8).

2.2. “Contemplamos e imitamos...” (C 82)

O artigo 92, porém, encontra-se no *contexto* da vida de oração, caracterizada por uma expressão que remete imediatamente à sua identidade cristã: “*em diálogo com o Senhor*”. Apresentam-se nesse contexto os aspectos fundamentais da devoção salesiana a Maria Imaculada Auxiliadora.

Gostaria, primeiramente, de deter-me na consideração dos dois verbos com que essa devoção é definida: **contemplamos - imitamos**. Parece-me interessante confrontar essa dupla característica com a experiência de uma das maiores santas dos tempos modernos, Santa Teresinha de Lisieux. Com uma linguagem que, às vezes, pode ser sentimental e até mesmo adocicada, encontramos uma profundidade de vida cristã extraordinária e de modo especial o que Hans Urs von Balthasar apresentou como atitude fundamental da pequena santa carmelita: a sua paixão pela **verdade**, pela autenticidade, a sua recusa instintiva a qualquer falsidade,¹⁷ também (e sobretudo) no campo religioso. Falando da devoção a Maria, Santa Teresinha afirmava já no final da sua vida:

“Os sacerdotes façam-nos ver (em Maria) virtudes praticáveis! É bom falar dos seus privilégios, mas é necessário, antes de tudo, que se possa imitá-la. Ela prefere a imitação à admiração, e a sua vida foi muito simples (...). Ó quanto gostaria de ser sacerdote, para dizer tudo o que penso a esse respeito! (...) Não seria preciso dizer sobre ela coisas inverossímeis, ou que não se conhecem. (...) Para que uma pregação sobre a Santíssima Virgem me agrade e me seja frutuosa, é preciso

¹⁷ Cf. H. U. VON BALTHASAR. *Teresa de Lisieux: historia de una misión*. Barcelona: Herder, 1957.

que me faça ver a sua vida real, não a sua vida imaginária; e estou certa de que a sua vida real foi extremamente simples. Apresentam-na inacessível; seria preciso apresentá-la imitável, realçar as suas virtudes, dizer que **vivia de fé, como nós**, comprová-lo com o Evangelho. (...) Sabemos muito bem que a Santíssima Virgem é Rainha do céu e da terra, mas é mais Mãe do que Rainha”.¹⁸

Creio que para nós salesianos, “homens de síntese”, mais do que de alternativas, não se trata de contrapor as duas atitudes (como talvez fosse preciso no tempo e no ambiente de Santa Teresinha), mas de integrar as duas atitudes, de modo que a contemplação nos permita admirar em Maria “as maravilhas da graça de Deus” e ao mesmo tempo nos incentive a imitá-la. De fato, Deus certamente não age em nós do “mesmo” modo que em Maria, o que, todavia, não significa de forma diferente, mas de forma *semelhante*.

Na verdade, contemplamos nos dois grandes dogmas da Conceção Imaculada e da Assunção o que Deus, na infinita gratuidade do seu Amor, realizou em Maria, e, na, fé compreendemos o que Deus também quer realizar em nós, se revivermos as atitudes da Mãe de Deus. Baste pensar que “Ele nos escolheu (em Cristo) antes da criação do mundo para sermos santos e imaculados diante d’Ele na caridade” (Ef 1,4); e que a Assunção de Maria é “garantia de consolação e de segura esperança para o povo de Deus ainda peregrino na terra” (cf. LG 68). N’Ela realizou-se plenamente o que, de forma *semelhante*, Deus também quer realizar em nós.

Convém deter-nos um instante no conceito de “imitação”. Para mais de um cristão, o termo pode provocar certa insatisfação e até mesmo rejeição, porque pareceria reduzir-se a uma repetição automática de ações e palavras. Não se trata disso. A imitação autêntica é totalmente diferente; significa colher as *atitudes* e as *motivações* essenciais, assimilá-las pessoalmente e pô-las em prática de modo criativo. A propósito da nossa imitação de Cristo, recordemos alguns textos paulinos: trata-se de **pensar como Cristo** (cf. 1Cor 2,16), **sentir como Cristo** (cf. Fl 2,5), para **agir como Cristo**. Podemos dizer algo semelhante sobre a nossa contemplação e imitação de Maria Imaculada Auxiliadora. Juntamente

¹⁸ Cf. TERESA DE LISIEUX. *Obras completas*. Burgos: Ed. Monte Carmelo, 6ª.ed., 1984, p.952-960.

com estes apelos, encontramos no texto constitucional outra expressão hendíadis para caracterizar a nossa devoção mariana: “Nutrimos para com Ela, devoção *filial e forte*” (C 92), que nos convida a superar certo devocionismo puramente sentimental e, por isso, frágil, mas sem cair em conceitos áridos e estéreis. O comentário às Constituições diz: “São dois adjetivos que indicam ao mesmo tempo a ternura para com Aquela que é ‘Mãe amável’ e a coragem de imitá-La na sua entrega total à vontade de Deus”.¹⁹

Enfim, no esclarecimento da nossa devoção, o artigo 92 termina assim: “celebramos suas festas para nos estimular a uma **imitação mais convicta e pessoal**”. Parece-me que, em nosso texto, se equilibrem perfeitamente a contemplação admirada do que Deus realizou em Maria e o estímulo a imitá-la filialmente em suas grandes virtudes, principalmente na *tríplice atitude teológica fundamental*: fé - esperança - caridade.

2.3. “Rezamos todos os dias o terço”²⁰ (C 92)

Antes de falar especificamente de Maria como modelo da nossa vida de fé - esperança - caridade, quero dizer uma palavra sobre a nossa oração mariana, em especial sobre o santo Terço. Durante a minha vida salesiana, e ainda mais como Reitor-Mor, pude constatar com grande alegria e com muita admiração a prática do Santo Terço por muitos irmãos, sobretudo anciãos, “santamente exagerados”, que com grande simplicidade e constância assim exprimem ao longo do dia a sua união com Deus e o seu amor a Maria Santíssima. Quero convidar todos os irmãos a continuarem essa extraordinária prática de piedade, não por inércia ou por “obrigação”, mas procurando aprofundar seu significado e suas motivações.

Antes de tudo, creio que se trate de uma prática que combina perfeitamente a oração vocal e a contemplação dos mistérios da vida de Jesus, na companhia e à imitação de Maria, que “conservava todas estas coisas, meditando-as no seu coração” (Lc 2,19; cf. 3,51b).

¹⁹ “O projeto de vida dos Salesianos de Dom Bosco. Comentário à leitura das Constituições Salesianas”. *Cadernos Salesianos* 44. São Paulo: Salesiana, 1988, p. 519.

²⁰ A expressão “rezamos todos os dias o terço” fora colocada pelo CG22 no artigo dos *Regulamentos* que apresenta as expressões típicas da devoção salesiana à Virgem Maria. Encontra-se agora no texto constitucional, no final do artigo 92, por desejo expresso da Santa Sé.

Em sua Exortação Apostólica *Marialis Cultus*, Paulo VI escrevia que foi sentida “com maior urgência, a necessidade de recordar, ao lado do elemento laudativo e deprecatório, a importância de outro elemento essencial do Terço: a **contemplação**. Sem esta, o mesmo Rosário é um corpo sem alma e a sua recitação corre o perigo de tornar-se uma repetição mecânica de fórmulas. (...) Por sua natureza, a recitação do Rosário requer um ritmo tranquilo e certa lentidão a pensar, que favoreçam, em quem ora, a meditação dos mistérios da vida do Senhor, vistos através do coração d’Aquele que mais de perto esteve em contato com o mesmo Senhor, e que abram o acesso às suas insondáveis riquezas” (MC 47).

É interessante sublinhar que um setor muito importante da teologia atual, sobretudo no campo da Cristologia e da Mariologia, procura renovar o que está na base do santo Terço, isto é, a “teologia dos Mistérios”. Um de seus principais representantes afirma: “Justamente na idade moderna, exigiu-se a retomada de um ‘lugar’ da sistemática teológica dos primeiros tempos, ou seja, a inserção dos *mysteria Christi*, portanto da cristologia concreta, no tratado cristológico que se tornou sempre mais abstrato”.²¹ E, pouco mais adiante, insiste: “O movimento litúrgico, a renovação da teologia no espírito da patrística (H. de Lubac, J. Danielou, H. U. von Balthasar), a redescoberta da eclesiologia dogmática e a sua síntese no Vaticano II, da ‘história da salvação’ e de uma cristologia no âmbito da história da salvação (O. Cullmann; Constituição *Dei Verbum*, do Vaticano II), tudo isso representa também o início de uma nova maneira de retornar aos ‘mistérios’ de Cristo. Contudo, parece existir uma barreira que impede ao cristão de hoje o encontro com a pessoa de Cristo nos seus mistérios (...). Precisamos reconquistar o mistério e cada mistério de Cristo, na herança do passado, à base de fundamentos novamente estruturados”.²²

Esperemos que esta pequena motivação nos ajude a viver, com fidelidade criativa, a nossa devoção a Maria através do santo Terço e também iniciar os nossos jovens nessa forma tão simples e concreta de oração e meditação.

²¹ A. GRILLMEIER. “I Misteri della Vita di Gesù”. In: J. FEINER-M.LOEHRER, *Mysterium Salutis* III. Brescia: Queriniana, 1973, p.10.

²² Ibidem, p. 34.

3. MARIA, MODELO DE FÉ, DE ESPERANÇA E DE AMOR

Dada a riqueza e a diversidade de atitudes marianas apresentadas à nossa contemplação e oferecidas à nossa imitação (tanto no artigo 92 das *Constituições* como em alguns outros artigos que mencionam a Mãe de Deus), é oportuno reuni-los ao redor das três virtudes teológicas, a fim de colocá-los, depois, em relação com os três valores evangélicos: a obediência, a pobreza e a castidade; para tanto, recorramos à reflexão bíblica, pois – recordava Paulo VI na já citada Exortação Apostólica *Marialis Cultus*: “A necessidade de um cunho bíblico em toda e qualquer forma de culto é hoje algo sentido como um postulado geral da piedade cristã. (...) O culto à bem-aventurada Virgem Maria não pode ser eximido desta orientação geral da piedade cristã; antes pelo contrário, deve ele inspirar-se particularmente em tal orientação, para adquirir novo vigor e dela tirar seguro proveito” (MC 30).

Inicialmente, uma observação de caráter geral: é interessante examinar a importância assumida pela figura de Maria no processo diacrônico do Novo Testamento. O percurso começa nos primeiros textos – as cartas de São Paulo e o evangelho de Marcos –, que fazem apenas algumas referências marginais, passando depois por Mateus e Lucas que, de posições independentes (nesta seção mais ainda do que em outras), refletem sobre as origens humanas de Jesus em relação estreita com Maria, sua Mãe, até chegar à figura da Mulher, nova Eva, nos escritos joaninos: o quarto evangelho e o Apocalipse. Poderíamos afirmar que, na medida em que a comunidade cristã, iluminada pelo Espírito Santo, vai refletindo mais profundamente sobre o mistério de Cristo, também vai descobrindo progressivamente a importância de Maria.

3.1. “Feliz és tu, que acreditaste” (Lc 1,45)

“Contemplamos e imitamos sua fé”, diz o artigo constitucional que estamos a considerar. E, no contexto da educação na fé dos nossos jovens, lemos no artigo 34: “A Virgem Maria é uma presença materna nesta caminhada. Procuramos torná-la conhecida e amada como Aquela que acreditou” (C 34). Este texto coloca de imediato uma questão: suscitamos em nossos(as) jovens uma devoção a Maria que coloque a sua fé em primeiro plano?

A fé, sabemos, é a atitude fundamental do crente, pois, como diz a Carta aos Hebreus, “sem a fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11,6). Isabel chama Maria de “a crente” por excelência, congratulando-se com isso e proclamando-a “bem-aventurada”. Esta saudação remete ao momento da vida de Maria que podemos chamar de “divisor de águas”, ou seja, a Anunciação. Foi naquela circunstância que Maria, enquanto percebe que Deus tem um projeto admirável para ela, a “cheia de graça” (nenhuma tradução esgota a riqueza da palavra evangélica original, *kecharitoméne!*) é convidada a colaborar livremente com Ele. A questão que coloca ao anjo Gabriel: “Como acontecerá isso já que eu não convivo com um homem?” não é, realmente, uma objeção ou indicativo de dúvida, mas expressão do desejo de responder o mais consciente e livremente possível ao convite divino, dando-lhe pleno consentimento. Dito de modo paradoxal, Maria aceita livre e alegremente (o optativo é o verbo do desejo!) ser a “escrava” do Senhor: “Faça-se em mim segundo a vossa palavra”.

Quero sublinhar alguns aspectos que descobrimos no texto evangélico, colocado justamente na plenitude do tempo (cf. Gl 4,4):

- A fé de Maria é, antes de tudo, *confiança* em Deus. Como disse em outra ocasião: “Maria não confia no plano de Deus, mas no Deus do plano”. A fé não é, em primeiro lugar, aceitação de conteúdos objetivos revelados por Deus, mas adesão incondicionada, típica do amor, a Ele e àquilo que Ele quer de nós. “Pede-me qualquer coisa e eu a farei” é uma das expressões típicas do amor, também em nível humano; com maior razão na relação da pessoa com Deus. Algo semelhante acontece em nossa vida: confiamos em Deus não porque já conhecemos antecipadamente o seu projeto a nosso respeito, mas pelo fato de Ele nos convidar a nos colocarmos em suas mãos, como uma criança no braço de sua mãe.
- A fé de Maria exprime-se e concretiza-se na sua *obediência*. Os grandes crentes, na história da salvação, são autênticos *obedientes*: a começar de Abraão, nosso “pai na fé”, até culminar em Maria. São Paulo expõe assim a sua

vocação apostólica: “Por Ele [Jesus] recebemos a graça da vocação para o apostolado, a fim de trazermos à *obediência da fé*” (Rm 1,5). Uma fé que não leve a buscar a vontade de Deus para, depois, colocá-la em prática na vida, não é autenticamente cristã, porque cai num intelectualismo estéril ou num “*velleitarismo*” inconclusivo.

- Há em latim uma convergência significativa entre as palavras: *fides* - *fiducia* - *fidelitas*. A *fé* entendida como **confiança** leva a obedecer a Deus, com o passar do tempo desemboca e se constata na **fidelidade**: sobretudo nos momentos em que ou “se vive de fé” ou tudo se desfaz e desmorona. Nesse sentido, o mesmo artigo constitucional convida-nos a contemplar em Maria “a fidelidade na hora da cruz”.

É justamente essa fé-confiança, traduzida em obediência, que constrói o caminho percorrido por Maria da Anunciação em Nazaré aos pés da Cruz no Gólgota, em Jerusalém. Um caminho sem dúvida alguma difícil e doloroso porque humanamente falando – devemos reconhecê-lo – aceitar Deus de modo incondicional na própria vida em nada facilitou as coisas para Maria; pelo contrário, complicou-as tremendamente para Ela. Sublinho dois aspectos típicos da experiência de fé de Maria:

- 1) Todas as suas expectativas humanas (a começar do seu projeto de vida com José!) parecem falir: o Filho nasce num lugar onde vivem os animais porque “não havia lugar para eles” (Lc 2,7); a dolorosa profecia de Simeão a apenas quarenta dias do nascimento do Filho; o episódio dos doze anos em Jerusalém sobre o qual o evangelho diz: “Mas eles não compreenderam o que lhes havia dito” (Lc 2,50). Como eu escrevia numa Carta de alguns anos atrás, “porque, na relação com Deus, é sempre Ele que toma a iniciativa e fixa tempos e metas, a relação nunca resulta idêntica a si mesma. Maria aprendeu isso logo: no momento de dar à luz o filho, era-lhe incompreensível o que se dizia sobre ele (Lc 2,18-19); quanto mais lhe era anunciado o futuro do filho (Lc 2,34-35), tanto menos ele coincidia com o que lhe fora dito na anunciação (Lc 1,30-33.35). A perda de Jesus ainda menino no templo é prenúncio de um

caminho ainda mais doloroso (...). Não nos devemos admirar se Maria, não sendo capaz de compreender, “conservava todas essas coisas meditando-as no seu coração” (Lc 2,19.51)”.²³

- 2) Mas, sobretudo, a mesma relação de Jesus com sua Mãe manifesta o itinerário de fé de Maria: parece que durante a vida pública, o Filho vai se afastando sempre mais dela; e encontramos até alguns textos que dão a impressão de que Jesus “relativize” a maternidade humana; baste recordar Mc 3,31-35 (progressivamente “mitigado” por Mt 12,46ss e Lc 8,19-21) e Lc 11,27-28: “Bem-aventurados aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a observam”. Não se trata absolutamente de um desprezo em relação à Mãe, mas de mostrar a sua verdadeira grandeza, enquanto modelo de quem “ouve a Palavra de Deus e a põe em prática”; mas é, sem dúvida, o preço que precisou pagar no processo de crescimento na fé. Precisamente porque ninguém como Ela viveu tão “próximo” do Filho de Deus feito Homem, foi tão doloroso viver esse afastamento progressivo do “filho”, para poder crescer sempre mais na fé no “Filho”, com letra maiúscula, o Filho de Deus.

Entretanto, recordando as palavras de Isabel, a fé da qual Maria é modelo insuperável, é fonte de *felicidade*, da única verdadeira felicidade. Encontramos aqui uma sugestiva *inclusão* entre a primeira “bem-aventurança” do Evangelho (primeira, evidentemente, das apresentadas pelos evangelhos no discurso da montanha!) e a última, que aparece em Jo 20,29, “Bem-aventurados os que não viram e acreditaram!”. Na verdade, a **bem-aventurança da fé** torna possíveis todas as demais: sem ela seria absurdo proclamar que são felizes os pobres, os que sofrem, os desprezados... Há uma estreita continuidade entre a primeira bem-aventurança, no singular, e a última, no plural; como a dizer: “bem-aventurados aqueles que se assemelham a Maria...”.

Há uma pequena nuance que desejo apontar. A tradução das palavras de Isabel oscila entre dois significados, aparentemente semelhantes, mas, na verdade, muito diferentes: “Feliz és tu que acreditaste na *realização* do que o Senhor te disse” e “Feliz és tu que acreditaste, *porque se realizará* o que o Senhor te disse”. A versão que, sem dúvida, corresponde melhor à realidade, na vida de Maria e também na nossa, é esta última: somos

²³ P. CHÁVEZ. “Palavra de Deus e vida salesiana hoje”, ACG n. 386 (2004), p. 47-48.

felizes porque acreditamos que se realizará o que cremos pela fé. Mas também aqui, devemos acrescentar: não segundo as nossas expectativas, mas segundo o projeto de Deus, acolhido plenamente na “obediência da fé”, fundamento da nossa obediência consagrada.

3.2. “Aquele que acreditou, ajuda e infunde esperança” (C 34)

Significativamente, no texto constitucional estão intimamente unidas, em Maria como na vida de cada cristão, a fé e a esperança, embora, por si, sejam distintas, enquanto a fé se baseia na realidade histórica de Jesus de Nazaré, o Filho de Deus feito Homem, e a esperança volta-se para o futuro: “Na esperança é que fomos salvos. Ora, ver o que se espera não é mais objeto de esperança” (Rm 8,24).

Esta diferença pode levar a separar as duas atitudes, produzindo a nostalgia do passado, que paralisa em relação ao futuro. Na Carta de convocação do CG26 eu escrevia:

“Um desafio, sentido frequentemente como ameaça, diz respeito à *incerteza do futuro* da vida consagrada, sobretudo pelos questionamentos que se colocam sobre a sua sobrevivência em algumas áreas geográficas. A diminuição numérica, a ausência de vocações, o envelhecimento criam nas Congregações falta de perspectivas, necessidade de grandes redimensionamentos, busca de novos equilíbrios culturais. A isso se acrescentam, às vezes, a escassa vitalidade, as fragilidades vocacionais, os abandonos dolorosos. Tudo isso favorece a falta de motivação, o desânimo e a paralisia. Nessas condições, torna-se árduo encontrar uma estratégia que abra horizontes, ofereça caminhos e garanta a liderança”.²⁴

Como indicava o programa do CG26, “despertar o coração de cada salesiano”, é “viver da nossa fé” (cf. Hb 24; Rm 1,17; Gl 3,11) para assim alimentar a esperança, de modo a tornar possível a caridade pastoral. O grande perigo destes tempos não está tanto na perda da fé quanto no enfraquecimento da esperança, na incapacidade de “sonhar” um futuro promissor na realização da nossa missão com os jovens. Pode-nos suceder o que aconteceu com Gedeão; ele, sem dúvida, acreditava em

²⁴ P. CHÁVEZ. “*Da mihi animas, cetera tolle*. Identidade carismática e paixão apostólica: partir de Dom Bosco para despertar o coração de cada salesiano”, ACG 394 (2006), p. 26.

tudo aquilo que fazia parte da fé do povo no passado, mas isso de modo algum lhe deu coragem em relação ao futuro; pelo contrário.

“Apareceu-lhe então o anjo do Senhor e disse: ‘O Senhor está contigo, valente guerreiro!’”. Gedeão respondeu: ‘Meu Senhor, por favor, se o Senhor está conosco, por que nos aconteceu tudo isso? Onde estão aquelas suas maravilhas que nossos pais nos contaram, dizendo: O Senhor nos tirou do Egito? Mas agora o Senhor nos abandonou e nos entregou às mãos dos madianitas’” (Jz 6,12-13).

Pois é precisamente quando vivemos momentos difíceis que Maria Auxiliadora, a “Nossa Senhora dos tempos difíceis”, apresenta-se como Mãe que “infunde esperança”. Quando percorremos o itinerário de fé de Maria, descobrimos que, na verdade, é a própria esperança que está em jogo. Ela podia sentir-se tentada a pensar: “Não terá sido um bonito sonho, mas que se desvaneceu diante da dureza da realidade presente?”. Escreve Bento XVI na sua Encíclica sobre a esperança, dirigindo-se a Maria:

“Depois, quando iniciou a atividade pública de Jesus, tivestes de Vos pôr de lado, para que pudesse crescer a nova família, para cuja constituição Ele viera e que deveria desenvolver-se com a contribuição daqueles que tivessem ouvido e observado a sua palavra (cf. Lc 11,27s). (...) Assim, vistes o crescente poder da hostilidade e da rejeição que se ia afirmando progressivamente ao redor de Jesus até a hora da cruz, quando tivestes de ver o Salvador do mundo, o herdeiro de David, o Filho de Deus morrer como um falido, exposto ao escárnio, entre os malfetores. (...) A espada da dor trespassou o vosso coração. Tinha morrido a esperança? (...) Nesta fé que, inclusive na escuridão do Sábado Santo, era certeza da esperança, caminhastes para a manhã de Páscoa. (...) Assim, Vós permanecéis no meio dos discípulos como a sua Mãe, como Mãe da esperança. Santa Maria, Mãe de Deus, Mãe nossa, ensinai-nos a crer, esperar e amar convosco”.²⁵

Se, antes, se falava de “bem-aventurança da fé”, agora podemos falar de “bem-aventurança da esperança”, que também Maria faz sua: “Bem-aventurado aquele que não encontra em mim motivo de escândalo” (Mt 11,6). A caracterização que São Paulo faz de Abraão, afirmando

²⁵ BENTO XVI. Carta Encíclica *Spe Salvi*, Roma, 30/11/2007, n. 50.

que “ele acreditou, sólido na esperança contra toda esperança” (Rm 4,18), pode ser aplicada, com maior razão, a Maria: de um lado, porque todo o texto fala da fé em Jesus Cristo ressuscitado (cf. Rm 4,24-25) e, de outro, porque, ainda mais do que no caso de Abraão, Maria enfrenta uma realidade diante da qual – humanamente falando – não há lugar para a esperança, ou seja, a morte.

Há um texto muito bonito, sob a forma de oração, oferecida pelo cardeal Carlo Maria Martini à sua arquidiocese por ocasião do ano 2000. Vale a pena lê-lo e meditá-lo; cito aqui alguns parágrafos mais significativos:

“Tu, Maria, aprendeste a esperar e desejar. Esperaste confiante o nascimento de teu Filho proclamado pelo anjo; perseveraste em crer na palavra de Gabriel, mesmo nos longos tempos nos quais nada acontecia; esperaste contra toda a esperança sob a cruz e até a sepultura; viveste o Sábado santo infundindo esperança nos discípulos desanimados e desiludidos. Tu obténs para eles e para nós a consolação da esperança, tiveste paciência com paz no Sábado santo e nos ensinas a contemplar com paciência e perseverança aquilo que vivemos neste sábado da história, quando muitos, mesmo cristãos, são tentados a não esperar mais na vida eterna e nem no retorno do Senhor (...). A nossa pouca fé ao ler os Sinais da presença de Deus na história traduz-se em impaciência e fuga, como de fato aconteceu aos dois de Emaús que, mesmo diante de alguns sinais do Ressuscitado, não tiveram a força de esperar o desenrolar dos acontecimentos e partiram de Jerusalém (cf. Lc 24,13ss.). Nós te pedimos, ó Mãe da esperança e da paciência: pede ao teu Filho que tenha misericórdia de nós e venha encontrar-nos no caminho das nossas fugas e impaciências, como fez com os discípulos de Emaús. Pede que, de novo, a sua palavra aqueça o nosso coração (cf. Lc 24,32)”.²⁶

Se a fé se relaciona intimamente e se exprime na obediência, não encontramos, talvez, uma relação igualmente estreita entre esperança e *pobreza*? Na verdade, só pode “esperar” quem não se sente satisfeito; e só espera realmente quem sabe que “o mais importante ainda está por vir”.

²⁶ C. M. MARTINI. Carta pastoral “*La Madonna del Sabato santo*”, para o ano 2000-2001.

Significativamente, todas as bem-aventuranças projetam-nos no futuro das promessas; ao mesmo tempo, tornam-se advertências sérias (e não tanto ameaças) para quem, tendo tudo, fecha-se ao futuro indicado pela esperança (cf. Lc 6,24-26). Em outras palavras, só pode nutrir esperança quem reconhece a sua pobreza e cultiva em si um coração de pobre! Esta atitude interior, contudo, não surge da consciência da escassez dos próprios bens, mas da grandeza daqueles que se esperam. É Deus, esperado como Sumo Bem, que nos faz pobres e, por isso, cheios de esperança.

Creio que aqui está um riquíssimo filão a explorar contemplando o nosso Pai Dom Bosco, cuja fé inquebrantável na providência de Deus e na proteção materna de Maria se manifesta numa extraordinária capacidade de *esperança*: não no sentido passivo de “esperar” que as coisas aconteçam, mas no sentido de colocar-se em ação para que “*as coisas aconteçam*”, prova inequívoca do seu amor pastoral (de que falaremos a seguir). Em Dom Bosco, encontramos uma capacidade extraordinária de transformar as dificuldades e os obstáculos em desafios e motivações para continuar a caminhar. Como filho autêntico de Dom Bosco, o salesiano “não desanima diante das dificuldades” (C 17) e, enquanto apóstolo e educador, “anuncia aos jovens ‘novos céus e nova terra’, estimulando neles os compromissos e a alegria da esperança” (C 63).

3.2. Maria, “modelo de caridade pastoral” (C 92)

Se das três virtudes teologais “a maior de todas é a caridade” (1Cor 13,13), é sem dúvida a ela que levam a fé e a esperança, e seguramente Maria é um eminente exemplo e modelo de amor. Retomando as palavras de Hans Urs von Balthasar, no título do seu famoso livro *Só o amor é digno de fé*, podemos aplicá-las em primeiro lugar à Santíssima Virgem: só o Amor de Deus dá sentido à sua fé e alimenta a sua esperança.

As expressões das nossas Constituições sobre isso são, embora breves, particularmente significativas. Primeiramente, em relação a Deus: “Maria Imaculada e Auxiliadora educa-nos para a plenitude da doação ao Senhor” (C 92). Esta atitude teológica, todavia, é inseparável do amor ao próximo: “contemplamos e imitamos (...) a sua solicitude

pelos necessitados”, “nos infunde coragem no serviço aos irmãos”, “modelo de oração e de caridade pastoral” (C 92).

As referências evangélicas são conhecidas: em primeiro lugar, a relação íntima (não só porque no texto lucano vem imediatamente depois) entre a experiência de Deus vivida na Anunciação e a viagem que “às pressas” Maria faz para visitar e servir a parenta Isabel. Antes: o “sinal” que o anjo Gabriel dá à Virgem não é tanto uma confirmação teórica convincente, capaz de amortececer a sua confiança em Deus, quanto um convite à missão, a “pôr-se a caminho”, para levar a Isabel e à sua família (compreendido o menino, ainda não nascido, João Batista) Aquele que é Portador de Alegria, Jesus.²⁷

Contemplando “a solicitude pelos necessitados” da parte de Maria, pensamos espontaneamente na narração das bodas de Caná, no evangelho de São João. Sem nada tirar ao valor simbólico e teológico do primeiro “sinal” feito por Jesus segundo o quarto evangelho (já sublinhado desde os primeiros Padres da Igreja até os últimos exegetas e estudiosos), não devemos ignorar o seu significado mais simples e imediato. Nele, descobrimos não só a solicitude e a preocupação pelas necessidades alheias, como também a delicadeza de Maria, quer em relação aos responsáveis da situação, quer em relação ao próprio Jesus. E não é supérfluo sublinhar o aspecto “salesiano” deste milagre: o primeiro “sinal” de Jesus é dedicado à alegria da festa.

Mas, sobretudo, neste aspecto central da vida de Maria e de todo cristão não nos podemos limitar a citações isoladas ou a aspectos fragmentários. “Apareceu, de fato, a graça de Deus, que traz salvação a todos os homens” (Tt 3,4). Se levarmos a sério o fato de o plano de salvação de Deus não ser outro senão a manifestação plena e definitiva do seu Amor, e se Maria colaborou de modo ímpar para a nossa salvação, é preciso aprofundar essa colaboração na perspectiva do Amor.

A teologia atual insiste com razão, a partir do testemunho unânime do Novo Testamento, ao colocar a origem da nossa salvação na Vontade amorosa do Pai, que por obra do Espírito Santo nos enviou o seu Filho,

²⁷ Poucas vezes foi sublinhado um detalhe que me parece significativo: Maria preocupa-se em amar e servir os outros mais do que pensar em si mesma e na própria situação, e isso provoca em José uma dificuldade que só será resolvida com outra intervenção direta de Deus: cf. Mt 1,18-21.

nascido de Maria, e dá muito realce ao caráter **trinitário** do Mistério Pascal. Com admiração e alegria, o Anúncio Pascal, dirigindo-se ao Pai, proclama (evocando Rm 8,32):

Ó imensidão do teu amor por nós!
Ó inestimável sinal de bondade!
Para resgatar o escravo, sacrificaste o teu Filho!

Sob este aspecto, à “*kénosis*” do Filho, que se “despoja” da sua condição divina, assumindo a condição humana, fazendo-se obediente até a morte, e morte de cruz (cf. Fl 2,5-8), corresponde a “*kénosis*” do Pai, que n’Ele nos dá tudo (cf. Rm 8,32).

No momento crucial da vida de Jesus, quando “tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13,1), uma vez que “ninguém tem amor maior do que este: dar a sua vida pelos amigos” (Jo 15,13), encontramos Maria aos pés da cruz; são três versículos de surpreendente densidade (Jo 19,25-27).

Estamos habituados, com razão, a considerar este texto como o “testamento” de Jesus, que entrega a própria Mãe – “Eis tua Mãe!” – ao discípulo amado, símbolo de todos os homens e mulheres que n’Ele creem; e isso nos enche de imensa alegria. Nem sempre, porém, se leva em conta o que isso supõe; dizendo à sua Mãe: “Mulher, eis teu filho!”, está convidando-a a compartilhar plenamente a sua mesma renúncia (“*kénosis*”), o seu total esvaziamento. De fato, o sacrifício mais duro que se pode pedir a uma mãe, é que aceite outro no lugar do seu filho. A fé, a esperança (contra toda esperança) e o amor da santíssima Virgem Maria chegam aqui ao seu ponto mais radical. Ouso referir à Mãe do Senhor a expressão do evangelho de João (Jo 3,16), sobre Deus Pai: “Maria amou tanto o mundo, que lhe deu o próprio Filho”.

À semelhança das outras duas virtudes teológicas, temos aqui o significado mais profundo e enriquecedor da nossa *castidade* consagrada. Falar de castidade não significa, primeiramente, falar de “renúncia”, mas, antes – como diz o artigo 63 das nossas *Constituições* – de “amor feito dom”, seguindo o exemplo do nosso Pai: “Dom Bosco viveu a castidade como amor sem limites a Deus e aos jovens” (C 81). Desejo concluir esta seção com uma das expressões mais belas da nossa Regra

de Vida: o salesiano “recorre com filial confiança a Maria Imaculada e Auxiliadora, que **a ajuda a amar como Dom Bosco amava**” (C 84).

4. “O ESPÍRITO SANTO, COM A MATERNAL INTERVENÇÃO DE MARIA, SUSCITOU SÃO JOÃO BOSCO” (C 1)

No “Credo” salesiano, que reflete as nossas mais profundas convicções, a relação entre o Espírito Santo e Maria é inseparável. Isso corresponde plenamente à Revelação bíblica do Novo Testamento, no qual encontramos, em primeiro lugar, uma “inclusão pneumatológica” muito significativa. De fato, o primeiro e o último texto em que Maria aparece (Lc 1,35; At 1,14) têm, de certo modo, o Espírito Santo como “protagonista”. No primeiro, afirma-se que o Espírito é aquele que torna possível a encarnação do Filho de Deus: “O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra”; por isso, proclamamos na profissão de fé da Igreja: “se encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria, e se fez homem”. No último texto – livro dos Atos – registra-se que depois da morte e ressurreição do Senhor Jesus, a comunidade apostólica e os “irmãos de Jesus” (At 1,14; cf. Ap 12,17) estavam à espera do Paráclito, reunidos ao redor de Maria.

Um dos insignes mestres fundadores da nossa Universidade em Roma, padre Domingos Bertetto, escreve:

“Na sua vida [de Maria] podemos sublinhar três epifanias do Espírito, com particular eficácia santificadora: a Imaculada Conceição, que desde o primeiro instante da sua vida terrena, torna a Pessoa da futura Mãe de Deus, Templo do Espírito Santo, que habita n’Ela para prepará-la para sua futura missão; a Anunciação, na qual Maria Santíssima é ornada, qual nova Arca da Aliança, de Espírito Santo em vista da concepção humana do Filho de Deus; o Pentecostes, no qual Maria implora e goza da efusão visível do Espírito Santo, alma do Corpo Místico”.²⁸

Esta é uma interpretação que remonta aos Padres da Igreja em relação com o texto de Jo 19, segundo o qual “a Igreja nasce aos pés

²⁸ D. BERTETTO. *Spiritualità salesiana: meditazioni per tutti i giorni dell'anno*. Roma: LAS, 1974, p. 1058.

da cruz”. Jesus, morrendo, “entregou o Espírito (*paredoke to pneuma*), unindo assim, Páscoa e Pentecostes; encontramos aqui, novamente, Maria, Mãe de Jesus e Mãe da Igreja representada pelo ‘discípulo amado’”.

Gosto de considerar a relação entre o Espírito Santo e Maria à luz de outro texto das nossas *Constituições*, o artigo 98. É a única menção da Santíssima Virgem Maria no contexto da formação; esta, convém recordá-lo novamente, não se refere a uma etapa da vida (a “formação inicial”) nem se trata de uma “dimensão” paralela a outras, mas engloba todas elas; trata-se de compreender toda a vida do salesiano, em todas as suas dimensões, em chave de formação, ou seja, de configuração a Cristo Pastor-Educador, à maneira do nosso Pai: “Iluminado [todo salesiano] pela pessoa de Cristo e pelo seu Evangelho, vivido segundo o espírito de Dom Bosco”.

É importante sublinhar que o texto do artigo 98 apresenta as duas características principais do nosso carisma: *educador pastor dos jovens*, antes de mencionar as duas formas de viver a mesma vocação consagrada salesiana: a laical e a presbiteral. Às vezes, pode haver um nefasto mal-entendido a esse respeito, como se só o salesiano sacerdote fosse pastor, e o salesiano coadjutor, por sua vez, apenas educador, o que atenta diretamente à mesma identidade do ser salesiano!

Neste contexto, a menção de Maria, precisamente enquanto *Mãe e Mestra*, não só evoca o sonho dos 9 anos e a sua presença na vida de Dom Bosco, mas vai muito além: refere-se à missão fundamental de Maria, enquanto Mãe e Mestra de Jesus, o Filho de Deus feito Homem. O texto parece aludir à “gestação” do salesiano enquanto tal (“tende a ser”): de modo que, como Maria deu à luz o Salvador por obra do Espírito Santo, assim também dê à luz a cada um de nós, por obra do mesmo Espírito, como educadores-pastores dos jovens.

5. CONCLUSÃO

Quero encerrar esta carta convidando a Congregação, e cada irmão em particular, a meditar e “encarnar” na vida a oração que dirigimos todos os dias à Santíssima Virgem Maria. Trata-se de um texto precioso, verdadeiro programa de vida, que nos ajuda a renovar cotidianamente o sentido da nossa vida salesiana em “chave mariana”. É uma oração

ao mesmo tempo simples e profunda em que, enquanto professamos o nosso amor “filial e intenso” a Ela, esforçamo-nos em pôr em prática o “programa” da nossa vocação: a missão salesiana.

Compartilhando a insistência (teologicamente fundada) do meu amado predecessor P. Egídio Viganò sobre o sentido da *consagração* como obra exclusiva de Deus e não como ação humana, nem mesmo na relação com Ele (cf. C 24: “me *consagraste* a Vós... *ofereço*-me totalmente a Vós”), recordo que aqui não se trata de uma oração de consagração a Maria, mas de entrega carinhosa, qual filho pequeno que se abandona nos braços amáveis da sua Mãe.

Evocando Maria Imaculada Auxiliadora (C 92), recordamos o título com que o Concílio Vaticano II no-la apresenta: “Mãe da Igreja” (cf. Ap 12; LG 62ss). Na Igreja, o Espírito Santo, “com a maternal intervenção de Maria, suscitou” (C 1) Dom Bosco e, através dele, a Congregação e a Família Salesiana. Como o foi para o nosso Pai, Maria continua a ser para nós “inspiradora e sustento” (lemos no artigo 8º das *Constituições*: *indicou* a Dom Bosco seu campo de ação – constantemente o *guiou* e *sustentou*). Não se trata, pois, unicamente de uma atitude de devoção pessoal – sem dúvida, louvável e recomendável – mas da contemplação de Maria no plano de salvação de Deus, e em particular da colocação em prática da nossa missão. Prometemos, então, a Maria, “trabalhar sempre na fidelidade à missão salesiana”.

A missão não consiste em “fazer coisas”, não se reduz em prodigalizar-se genericamente na promoção dos jovens, sobretudo dos mais pobres; trata-se, na verdade, de cuidar da autêntica “promoção integral”, a partir da perspectiva da missão apostólica, que tem por fim último a *salvação* deles (cf. C 12), “para a maior glória de Deus e a salvação do mundo”; é o que eu recordava na carta de convocação do CG26 como ‘o segredo’ (de Dom Bosco) sobre a finalidade da sua ação: “Quando me entreguei a esta parte de sagrado ministério, entendi consagrar todo o meu trabalho para a maior glória de Deus e a vantagem das almas, entendi dedicar-me a fazer bons cidadãos nesta terra para que, depois, fossem um dia dignos habitantes do céu”.²⁹ Evidentemente, “prometer” isso a Maria e, por sua intercessão, ao Senhor da messe, é ao mesmo

²⁹ P. CHÁVEZ. “*Da mihi animas, cetera tolle. Identidade carismática e paixão apostólica: partir de Dom Bosco para despertar o coração de cada salesiano*”, ACG 394 (2006), p. 37.

tempo uma humilde súplica; “sem Mim, nada podeis fazer”, diz-nos o Senhor Jesus. Jogando um pouco com as palavras, não se trata de um “prometer prometeico”, porque na verdade reconhecemos – como dizemos no final da oração – que *servindo o Senhor* (“o nosso serviço ao Senhor”), *somos úteis a Ele*, não só servos; Ele mesmo quis assim (cf. Jo 15,15).

Desde que a missão salesiana é um processo que nasce da fé e da obediência a Deus, ela exprime-se na oração, e como oração. Recorrendo à intercessão materna de Maria, suplicamos-lhe por tudo o que “trazemos no coração”, pela nossa particular sensibilidade carismática (cf. C 11): a Igreja, a Congregação e a Família Salesiana, particularmente os jovens e, entre estes, de modo especial os mais pobres, destinatários prioritários da missão salesiana. Enfim, nós a invocamos por toda a humanidade. Esta “prioridade da oração” recorda-nos o exemplo de Jesus: antes de dar a vida por todos, suplica por todos ao Pai e pede o que de mais simples e profundo pode brotar do amor de um coração ao mesmo tempo divino e humano: “Pai, quero que aqueles que me deste estejam também eles comigo” (Jo 17,24). Ninguém é excluído da salvação de Cristo..., nem da oração. E, portanto, nem mesmo da nossa oração apostólica.

Prosseguindo, eis que invocamos Maria como Mãe e Mestra (cf. C 98): como Ela o foi de Dom Bosco, Lhe pedimos que o seja de cada um de nós. Creio que podemos contemplar esta parte da oração à luz do sonho dos dez diamantes, que constitui um “ícone” do próximo Capítulo Geral 27: a parte frontal do manto (“a bondade e a doação ilimitada aos irmãos”) é sustentada pela parte posterior, o que provavelmente não se percebe à primeira vista: “sua união com Deus, sua vida casta, humilde e pobre”. Isso torna possível a colocação em prática da nossa missão, entendida precisamente como “*amorevolezza*” e “doação ilimitada”, e não simplesmente como estratégia ou tática educativo-pastoral funcional às finalidades.

As duas partes do manto são unidas pelos dois diamantes do **trabalho** e da **temperança**: e recordam-nos imediatamente o próximo Capítulo Geral, centrado na *radicalidade evangélica salesiana*.

Concluindo estas atitudes fundamentais em que Dom Bosco é nosso modelo, não podemos esquecer a dimensão *eclesial*: a “sua fidelidade ao Papa e aos Pastores da Igreja”, hoje mais do que nunca necessária.

A conclusão da nossa oração une-se com o início, numa clara inclusão temática. Se a missão tem como finalidade a maior glória de Deus e a salvação das almas, e o nosso trabalho constitui “um serviço fiel e generoso” ao Senhor até a morte, o seu ápice não pode limitar-se a uma satisfação humana ou terrena: podemos encontrá-lo plenamente somente “na Casa do Pai”. Também aqui se faz presente a nossa sensibilidade salesiana, através de duas palavras-chave, a alegria e a comunhão, que só encontram a sua plenitude em Deus e na vida eterna.

Caríssimos irmãos, entrego-lhes esta carta, que trazia há tempos no coração, com a confiança de que servirá de estímulo intenso para a renovação espiritual e profunda, pessoal, comunitária e institucional, à qual nos chama o Senhor através da celebração do Bicentenário do nascimento do nosso amado Dom Bosco e do Capítulo Geral 27. Como o discípulo amado, tomemos Maria, dom do Senhor a partir da cruz, e levemo-la para a nossa casa. Ela seja para nós, como o foi para Dom Bosco, Mãe e Mestra.

A Ela, Maria Imaculada Auxiliadora, confio todos e cada um de vocês ao seu cuidado e à sua guia materna.



P. Pascual Chávez Villanueva, SDB
Reitor-Mor